

A MEMÓRIA DE ULISSES, DE MARCO LUCCHESI

Wanderson Lima¹

LUCCHESI, Marco. **A memória de Ulisses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Ortega y Gasset foi um dos primeiros críticos do especialismo, que ele reconhecia como uma nova forma de barbárie. Ortega reconhecia a importância da especialização para o desenvolvimento da ciência, mas sabia o quanto ela mediocrizava as pessoas. O especialista, para o filósofo espanhol, era uma espécie de sujeito anfíbio, nem ignorante nem sábio, que a democracia liberal e a técnica fizeram surgir. Não é um ignorante porque conhece as teses que circulam em sua limitada gleba; não é sábio porque, fora de seu espaço estreito, desconhece tudo. Ortega o chama um tanto ironicamente de um “sábio-ignorante” e vê nele, nesse homem-massa do campo intelectual, um grande problema, primeiro por sua arrogância habitual (é especialista, mas pensa que pode falar com autoridade de tudo, ignorando que haja especialistas em áreas que ele desconhece) e segundo porque este tipo emperra o desenvolvimento de certas ciências, já que lhe falta, entre outros dons, a consciência de como seu saber se liga à sociedade.

Essa crítica de Ortega y Gasset à “barbárie do especialismo” data de 1930 e parece-me mais do que nunca pertinente no Brasil, onde a pós-graduação continua em expansão galopante. Não se trata de cuspir no prato em que se comeu (nós, homens da academia universitária) e condenar *in totum* o especialismo. Mas, não resta dúvida, ele trouxe seus prejuízos. Um deles foi afastar (mais ainda), pelo menos no que se refere à crítica literária, a universidade da sociedade. Tal afastamento tem dupla motivação: a linguagem técnica e a perda de visão de conjunto. Demonstrar-lo demandaria tempo e

¹ Poeta e ensaísta, professor de literatura da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mantém o blog *O fazedor*: <http://blogdowandersonlima.blogspot.com/>. O presente texto foi escrito no primeiro semestre de 2001 e aparece aqui com pequenas modificações em relação à sua primeira versão.

páginas, e me desviaria do alvo em mira; mas basta que se pegue qualquer tese que virou livro que logo se comprova: por mais inteligente que seja o crítico, sua mensagem é cifrada e sua visão demasiado focada.

Mas, como dizia o poeta Holderlin, onde crescem os perigos, cresce também o socorro. Há focos de resistência, pelo mundo todo, contra este estado de coisas. Um Harold Bloom, um George Steiner, um Alfonso Berardinelli, por mais diferentes que sejam entre si, no estilo e no modo de entender o que é e qual o papel da literatura, têm em comum o fato de se recusarem a limitar suas audiências ao público especializado das universidades. Para eles, a literatura serve ao homem, e não apenas aos alunos e professores de departamentos de Letras. Um representante dessa plêiade no Brasil é Marco Lucchesi. Vejo em Lucchesi – embora ainda esteja em processo meu conhecimento de sua obra crítica (as traduções e as poesias eu já conhecia) – um continuador de Augusto Meyer, de Carpeaux, de Guilherme Merquior, isto é, do modelar homem erudito que se dispõe a exercer um papel pedagógico via imprensa e comunicação oral, desenvolvendo no público o gosto da leitura eclética (vários gêneros, de vários países) e desarmada de excessivos compromissos ideológicos.

Esta semana li com prazer *A memória de Ulisses* (Civilização Brasileira, RJ, 2006), onde Lucchesi reúne quase meia centena de textos breves, em geral do gênero ensaio. A primeira coisa que fiquei pensando foi como pude ter demorado tanto para descobrir o veio crítico de Lucchesi. Lembrei de ter lido três ou quatro textos do livro, quando de sua publicação em jornais de grande circulação. Mas pensei tratar-se de colaborações eventuais do homem que já conhecia como respeitado tradutor. Enganei-me, e o que importa agora é recuperar o tempo perdido, lendo mais ensaios do autor.

Marco Lucchesi é o contrário do especialista limitado e arrogante descrito por Ortega, e tampouco se trata de um diletante. Apesar do desgaste semântico do termo e de seu anacronismo, diria de forma aproximativa que Lucchesi é um humanista, alguém cuja curiosidade abrange as humanidades e uma boa quantidade de idiomas ocidentais e orientais. Munido desse arsenal intelectual, Lucchesi opta, porém, pelo papel de pedagogo: escreve para ensinar e deleitar (*docere cum delectare*), portanto escreve de forma persuasiva e didática, partindo das próprias experiências, não fazendo a menor

questão de esconder o entusiasmo de suas descobertas. Trata-se de um lídimo ensaísta, o estilo equilibrando arte e erudição, a subjetividade franca mas avessa ao impressionismo crítico, já que temperada pela erudição.

À primeira folheada em *A memória de Ulisses*, podemos nos assustar. Quem fala aí? Um biógrafo diletante? Um *scholar* dos mais pedantes? A lista assusta: Ovídio, Rumi, Dante, Cervantes, Vieira, Villon, Goethe, Novalis, Ibsen, Blok, Pasternak, Hesse, Gadda, Drummond, Calvino. Pouco? Que tal Splenger e Gibbon, e mais ainda Montaigne, Descartes, Schopenhauer, Nietzsche, Kant, Bordieu, Virilio e Vattimo. Some a isso reflexões sobre a tradução, o vazio espiritual de nosso tempo, a amizade (com Nise da Silveira), a leitura e até sobre o gato. Pois Marco Lucchesi trata de tudo isso como matéria viva: o livro, para ele, tem uma força transcendente e os autores são como amigos. Lucchesi pratica uma hermenêutica compreensiva, reconstruindo com cuidado e elegância estilística o pensamento do autor que aborda, por vezes deixando-se mesmo contaminar pelo estilo do autor em debate – o que não lhe impede, hora nenhuma, de discordar, de exercer a crítica quando julga justa, como vemos, por exemplo, no ensaio sobre Spengler. Surpreende, neste estilo de Lucchesi, a beleza e a verdade de determinados juízos, às vezes expressos numa frase, mostrando que sua paixão por Novalis, Nietzsche e Schopenhauer afinou-lhe um veio aforismático. No texto sobre Pasternak, ao se referir ao romance russo, solta este: “O romance russo é a épica da *pietas*”. Encerra o breve texto sobre Schopenhauer (em duas páginas diz mais sobre este autor do que na maioria das histórias da filosofia que eu pude ler!) com estas frases:

“Destruir a vontade. Trabalhar o nirvana. Superar o puro instinto, para atingir a piedade cósmica – eis a saída possível. E, assim, numa realidade de escombros, surge um mundo em que brilham os raios do nada, com suas estrelas e galáxias, sobre a vida do pensamento – as maravilhosas páginas de *O mundo como vontade e representação*”.

No magnífico ensaio que encerra o livro, sobre a obra-prima de Cervantes, diz a certa altura:

“A derrota no *Quixote* atinge o sublime. E como soa estranho nos dias atuais, de insossas vitórias curriculares, e nanotriunfalismos, apontar o sublime da derrota. Não aquele do

homem acabado de um Papini, mas a tensão da *Esperança* de um Bloch. **Dom Quixote realiza a biografia do erro**. Mas atenção: trata-se de um grande erro. Coisa mais bela e comovente do que a mera biografia de um punhado de acertos.[negrito meu]”

Naturalmente, eu poderia acumular mais achados, em *A memória de Ulisses*, onde o zelo estilístico colabora para acentuar o brilho da verdade. Mas fiquemos naqueles. Imagino que cada leitor há de encontrar os seus, assim como a cada leitor este ou aquele texto tocará mais fundo. A mim, por exemplo, que não professo nenhuma paixão intensa pelos gatos, pareceu-me constrangedor “The naming of cats”, que o autor põe corajosamente como ensaio de abertura. Me comoveu e me deixou feliz “Cartas da prisão” e “Herman Hesse: felicidade”; me foi bastante instrutivo “Traduções da *Divina Comédia*”; achei bastante justa a avaliação sobre Pierre Bordieu, um pensador a quem não nutro simpatia, em “As regras de Bordieu” (outro mérito desse mesmo ensaio é a reflexão sobre a crítica literária subjacente nele); ademais, os ensaios sobre Goethe, Ibsen, Splenger, Montaigne, Schopenhauer, Rumi e Cervantes (*Quixote*) têm meu assentimento afetivo e intelectual. E é normal que entre mais de 40 textos alguns poucos não me tocaram, menos por culpa do autor do que por se tratar de escritores a quem eu li pouco ou nada.

Penso que devemos nos rejubilar pela presença, em nosso meio intelectual, de um não-especialista que se dispõe a partilhar sua cultura universal conosco, assumindo uma tocha pedagógica a que muita gente de talento comprovado corre com medo, por egoísmo ou seja lá o que for. Não bastasse isso, Marco Lucchesi partilha uma dádiva que aprendi há algo tem a apreciar em Jorge Luis Borges e em Harold Bloom: a capacidade de comunicar o entusiasmo perene que as grandes leituras deixam em nossa memória.